

Estudo do flautim com relação à flauta: independência ou não?

Gabriela Deps Gomes †

UFBA - Universidade Federal da Bahia

Antônio Carlos Portela da Silva ‡

UFBA - Universidade Federal da Bahia

† gabrieladeps@hotmail.com ‡ tota@svn.com.br

Resumo:

Este trabalho visa investigar como os autores de métodos e livros consideram o estudo técnico e interpretativo do flautim em relação aos estudos de flauta, e discutir as abordagens encontradas. Como referência bibliográfica serão utilizados diferentes métodos e livros sobre o estudo específico do flautim. Como resultado, detectamos duas vertentes defendidas pelos autores: a primeira aborda o estudo do flautim como uma extensão dos estudos da flauta, e a segunda, com um estudo totalmente separado do estudo da flauta.

Palavras chaves: Flauta transversal. Flautim. Métodos e livros. Estudo técnico-interpretativo.

Abstract:

This research aims at investigating how authors of methods and books consider the specific technical and interpretative study of the piccolo in relation to flute studies, and to discuss the approaches found. Different methods and books on the specific study of the piccolo will be used as a bibliographic reference. The results found are two main strands defended by the authors, in which the first strand approaches the study of the piccolo as an extension to flute studies, and the second as the study of the piccolo totally separate to flute studies.

Keywords: Flute. Piccolo. Methods and books. Technical and interpretative study.

Deps Gomes, Gabriela e Antônio Carlos Portela da Silva. 2024. “Estudo do flautim com relação à flauta: independência ou não?”. *Anais do XIII Evento Científico da Associação Brasileira de Flautistas*, 82-88. XIX Festival Internacional de Flautistas, Paraty, 28 de junho a 1º de julho de 2023.

1. Introdução

O desenvolvimento construtivo do flautim ocorreu simultaneamente ao da flauta. Porém, o aprimoramento de técnicas específicas para a *performance* no instrumento foi posterior. Segundo Hanlon (2017), desde meados do século XVIII, muitos compositores reconheciam o flautim como uma extensão da flauta, utilizando-o apenas para adicionar uma oitava no topo da orquestra. Nos últimos anos entretanto, o uso do flautim tem se intensificado como um instrumento solista e mais presente na música de câmara. Como nos diz Benatti (2017, 8) “o piccolo é um instrumento de uso recente nos palcos de recitais e música de câmara de todo o mundo”, atuando ainda como solista dentro e fora das orquestras. Hanlon (2017) observa que apenas nas últimas cinco décadas os compositores começaram a explorar o flautim como um instrumento capaz de produzir mais cores e nuances do que previsto anteriormente.

Com a busca de novas sonoridades no flautim, surge a necessidade de técnicas mais específicas para esse instrumento.

2. Diferenças de abordagem entre o flautim e a flauta em alguns momentos da história

Até o período barroco, percebe-se uma diferença de utilização entre a flauta e o flautim: enquanto o *traverso*, antecessor da flauta transversal, era bastante usado como instrumento solista e melodioso — como nas peças de J. S. Bach —, o flautim ou pífaro esteve, em grande parte da história, relacionado à música militar, inclusive em obras orquestrais.

Embora o pífaro pareça ter sido principalmente um instrumento militar, é interessante notar que o Cardinal Wolsey tenha usado o pífaro e a percussão para entreter o Rei Henrique VIII num concerto na Whitehall em 1530. Mais tarde, em 1671, Charles I proibiu os pifaros de serem tocados em feiras sem uma licença do Trombeteiro Real [*Royal Trumpeter*]. Handel também usou os pifaros, juntamente com pratos e tambores, em sua ópera *Almira*, na cena em que Consalvo personifica Ásia cercado por leões (Gippo 2009, 28).¹

Quando Theobald Boehm desenvolveu o sistema de chaveamento para ambos os instrumentos, muitos flautistas o adotaram nos novos modelos de flauta, porém continuaram usando os sistemas antigos para o flautim: “Embora o flautim de sistema Boehm estivesse disponível no século XIX, na Inglaterra era comum que flautistas tocassem a flauta de sistema Boehm mas tivessem um flautim cônico de seis chaves” (Gippo 2009, 30).²

Laurie Sokoloff também comenta sobre essas diferenças construtivas durante o século XX e sobre a grande dificuldade de encontrar um bom flautim quando começou a estudar:

Comecei a tocar flautim no fim da década de 60. Naquele tempo havia somente dois fabricantes americanos de flauta, Haynes e Powells, produzindo flautins que eram usados na maior parte das orquestras sinfônicas americanas. O estoque de madeira envelhecida utilizada na fabricação de flautins estava quase esgotado, e era quase impossível comprar um flautim novo de granadilha. A maioria dos flautins fabricados naquela época eram incapazes de tocar um si natural agudo na terceira oitava; encontrar um que pudesse produzir um si agudo era considerado um incrível golpe de sorte (Sokoloff e Gippo 2009, 4).

Sokoloff complementa que fica feliz em constatar que excelentes fabricantes oferecem, atualmente, grande variedade de modelos de flautins, que, com uma escala de produção amplamente melhorada, são capazes de produzir belos sons e cores, e todos tocando o si agudo.

Com a melhora na construção do flautim durante o século XX, muitos compositores passaram a explorar mais o instrumento, dedicando-lhe diversas obras e momentos de destaque, dando início também a uma pedagogia específica para o ensino e estudo do flautim.

3. Abordagens em métodos e livros sobre o estudo técnico do flautim em relação à flauta

Em alguns métodos e livros específicos para o estudo técnico-interpretativo do flautim, encontramos a idéia da proximidade no estudo do flautim e da flauta, sem que se apresentem muitas diferenças nas abordagens técnicas.

No livro *A piccolo practice book*, Trevor Wye e Patrícia Morris (1988) defendem que o estudo técnico do flautim é como uma extensão do estudo da flauta, sendo necessário compreender os ajustes entre um instrumento e outro. Para os autores, o aluno deve iniciar-se no flautim com os mesmos estudos, exercícios e métodos de flauta, em busca de um som bonito e limpo.

Barone, em *Learning the piccolo by Clement Barone: a treatise on the subtleties and problems of playing the piccolo in relation to the flute*, também segue esta ideia e afirma que “o flautim é uma pequena flauta e deve ser tocado como se toca a flauta” (Barone 1975, 4). Apesar disso, o autor comenta que alguns flautistas não gostam de tocar o flautim, reclamando que este restringe a embocadura da flauta. Embora argumente que não existem diferenças entre o flautim e a flauta, ele discorre sobre algumas peculiaridades técnicas e compara os dois instrumentos:

Lembre que ajustes feitos no flautim são consideravelmente ampliados quando comparados àqueles na flauta. Creio que a abordagem básica para tocar flautim seja idêntica à da flauta. Realmente não acho que exista nenhuma diferença na construção do flautim ou melhorias da escala desde o início do século XX, embora os orifícios tenham mudado às vezes. O flautim é bem novo, e bastante primitivo, quando comparado à flauta. Às vezes parece um instrumento completamente diferente! A escala e as oitavas diferem muito em alguns flautins, porque o corpo pode ser cônico ou cilíndrico (cônico deve ser preferido), e a construção em madeira ou prata (Barone 1975, 4).³

Um segundo conceito que podemos encontrar em métodos é o do estudo do flautim com técnicas diferentes das aplicadas à flauta. Em *Piccolo! Piccolo!* Eden aborda o assunto logo na introdução ao volume 1:

A maneira mais fácil de aprender a dominar o flautim é tratá-lo desde o início como um instrumento distinto da flauta. Com isto, quero dizer que ele requer uma prática própria para produzir um bom som e desenvolver uma correta afinação. Isso não pode ser adquirido neste instrumento praticando somente a flauta (Eden 1994, 2).⁴

A autora ressalta a importância da prática nos dois instrumentos para ampliar a flexibilidade entre eles, sugerindo estudar a flauta antes do flautim, podendo o instrumentista se utilizar de alguns exercícios do primeiro ins-

trumento em benefício do segundo, além de exercícios específicos e originais para o desenvolvimento técnico do flautim.

Tulou, no *Metodo Popolare per Ottavino*, um dos métodos mais antigos encontrados (a primeira edição é de 1870, tendo sido reorganizado em 1957 por Carlo Andreoni), também compreende o estudo do flautim separado do da flauta e propõe exercícios diferentes e originais para flautim.

Na mesma perspectiva de Eden e Tulou, Beaumadier (1999) declara, em seu livro *Exercices pour la flûte piccolo*, que o flautim não pode ser considerado como uma extensão da flauta e nem como um acessório do flautista moderno, e defende que o flautim tem dificuldades e estudos próprios.

Mazzanti, no *The Mazzanti Method: Daily Exercises for Piccolo* (2014), comenta que, ao contrário do que muitos flautistas pensam, o estudo do flautim acrescenta flexibilidade na embocadura, trazendo melhor qualidade ao estudo da flauta. Para Mazzanti, a ideia do flautim ser um instrumento mais solista e independente da flauta partiu de pesquisas dos últimos trinta anos, quando houve um levantamento de uma nova literatura para o flautim. Segundo o autor, o flautim é um instrumento mais sensível do que a flauta, e qualquer pequena mudança na embocadura ou no apoio respiratório resulta em grandes diferenças na qualidade do som. Uma outra diferença notada pelo autor é que, no flautim, geralmente o ponto de contato da embocadura é levemente mais acima que na flauta.

4. Considerações finais

Em resumo, autores como Trevor Wye, Patricia Morris e Barone consideram que o flautim e a flauta são instrumentos próximos e complementares um ao outro. No estudo de ambos deve-se utilizar as mesmas técnicas e materiais apenas prestando atenção às pequenas diferenças entre eles.

Por outro lado, ao longo da história encontramos o flautim sendo utilizado de modo distinto da flauta, o que lhe dá diferentes características nas formas de estudo e na finalidade musical. Eden, Tulou, Beaumadier, Gippo e Maz-

zanti afirmam que o flautim precisa de um estudo técnico-interpretativo diferenciado devido às particularidades que o instrumento apresenta.

Nas últimas décadas percebemos um aumento na quantidade de pesquisas, textos, trabalhos, peças, livros e métodos abordando o estudo específico do flautim, fazendo-nos refletir sobre a importância deste assunto, e o quão recorrente vem se tornando este tema entre os alunos nos conservatórios, academias e universidades.

Porém, ainda existe uma grande dificuldade para se encontrar material que trate do tema, principalmente no Brasil. Um dos principais motivos é que a maioria dessas publicações é de origem estrangeira e muito recente, o que dificulta o acesso a esse material pelos estudantes e professores brasileiros.

Esperamos que este trabalho colabore para que mais estudantes se interessem pelo flautim e que professores possam compartilhar sua experiência em novos métodos e livros que venham a aprimorar a técnica e a interpretação musical neste instrumento.

Referências bibliográficas

- Barone, Clement. 1975. *Learning the piccolo: a treatise on the subtleties and problems of playing the piccolo in relation to the flute*. [New York] : EduTainment.
- Beaumadier, Jean-Louis. 1999. *Exercices pour la flûte piccolo (Exercises for the piccolo)*. The French flutists propose collection. Paris: Gérard Billaudout.
- Benatti, Stefânia Coppo Ribeiro. 2017. “O Estudo do Piccolo pelo Flautista: Diferenças de abordagens técnicas com fins interpretativos”. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas (Emac), Goiânia.
- Eden, Danielle. 1994. *Piccolo! Piccolo!*, volume 1. Coulsdon, Surrey/UK: Just Flutes.
- Eden, Danielle. 1996. *Piccolo! Piccolo!*, volume 2. Coulsdon, Surrey/UK: Just Flutes.
- Gippo, Jan. 2009. *The Complete Piccolo: a comprehensive guide to fingerings, repertoire, and history*, 3ª ed. Malvern, PA: Theodore Presser.
- Hanlon, Keith D. 2017. “The piccolo in the 21st century: history, construction,

and modern pedagogical resources”. Tese – Doctor of Musical Arts in Flute Performance, The College of Creative Arts at West Virginia University. Morgantown, West Virginia.

Mazzanti, Nicola. 2014. *The Mazzanti Method: Daily Exercises for Piccolo*. Theodore Presser Company.

Tulou, Jean-Louis. 1957. *Metodo Popolare per ottavino Opus 108*. Revisado por Carlo Andreoni. Ricordi. New York.

Wye, Trevor; Morris, Patricia. 1988. *A piccolo practice book*. Novello & Company Limited. Londres.

¹ Although the fife seems to be mainly a military instrument, it is of interest that Cardinal Wolsey used fife and drums to entertain King Henry VIII for a concert at Whitehall in 1530. Later, in 1671, Charles I prohibited fifes from being played at fairs without a license from the Royal Trumpeter. Handel also uses fifes, along with cymbals and drums, in his opera *Almira*, when Consalvo enters as Asia surrounded by lions.

² Although the Boehm system piccolo was available in the nineteenth century, it was common in England for flutists to play on a Boehm system flute but have a conical six-keyed piccolo.

³ Remember the adjustments one makes on the piccolo are greatly magnified as compared to the flute. I feel the approach to basic piccolo playing is identical to that of the flute. I really do not think that there has been any change in the piccolo construction or improvement of the scale since the early 1900's, although the bores have changed at times. The piccolo is quite new, and most primitive, compared to the flute. Sometimes one thinks that it is a completely different instrument altogether! The scale and octaves differ greatly on some piccolos, because the bore can be conical or cylindrical (conical is preferred), and the construction of wood or silver.

⁴ The easiest way to learn to master the piccolo is to treat it from the start as a separate instrument from the flute. By this, I mean that it requires its own practice to produce a good tone and to develop the correct intonation. This cannot be gained on this instrument only by practicing the flute